

EDUCAR PARA O EXERCÍCIO DA ÉTICA

Fátima Luna Pinheiro Landim

Comitê Editorial

Tenho em mente que “ética” não se transmite (ensina). De fato, como comportamento em plena manifestação nas práticas e relações quotidianas do ser social, ética se exercita.

Ética, todavia, como ciência normatizadora do comportamento moral, requer atualização da pessoa, que não nasce ética, mas que ao nascer já apresenta potencial para o exercício de uma ética específica. A vivência da ética nas mais variadas dimensões existenciais da pessoa é, pois, uma promessa de “vir a ser”, pela qual se responsabilizam todos os que a essa pessoa se antecedeu.

Assim, para cada tipo de relação um comportamento ético específico é solicitado. E se correspondemos a isso é porque estamos aptos a fazê-lo. E estamos, porque, se não nascemos éticos, nascemos com potencial para assumir padrão de comportamento ético que equivalha ao solicitado pelo “outro” de nossas relações (que nos informa dessa necessidade). Isso nos faz lembrar que para cada fase da vida há que se incorporar informações e redefinir esse padrão de comportamento em função de novas expectativas advindas das diferentes formas de se relacionar com o mundo social.

A educação - e a educação formal é um exemplo - tem essa função primordial no exercício da ética. A função de atualização da pessoa. Nesse propósito, a figura do professor universitário se reveste de extrema responsabilidade. Recebemos na universidade alunos, que saem ainda adolescentes do nível médio (muitos deles), e ao termino de alguns anos entregamos à sociedade pessoas adultas. A passagem, que faz o aluno, da adolescência à vida adulta, e do mundo universitário ao do profissional, traz implicações para a vida prática em cujas reside grade parte das expectativas social em relação à responsabilidade do professor. Consta neste número da Revista Brasileira em Promoção da Saúde, experiência descrita em artigo que serve ao propósito de evidenciar como o professor vem correspondendo às referidas expectativas.¹

É no ato mesmo de iniciar o aluno no universo de conteúdo que comporta a ciência da ética, que se revelam a esse professor estratégias que visam vencer desafios impostos pelo intrincado processo de educar. Lembrando Paulo Freire², o desafio maior está em se criar possibilidades para a produção ou reconstrução, pelo educando, das “verdades” (ou do conhecimento) historicamente postas.

No que tange aos conteúdos que comportam a disciplina ética, muito embora a apreensão do conceito possa ajudar - como baliza entre o que está posto e o que se necessita criar - a educação e, em especial, a educação direcionada a formação de potenciais para elaboração de conhecimento novo só é viabilizada (se concretiza) pelo exercício. O exercício possibilita à pessoa experimentação do ético e do não ético. Podendo refletir - e emitir parecer - acerca dessas duas dimensões do ato moral.

O desafio de “educar para o exercício da ética” tem, pois, demonstrado ser, para nós professores, o desafio de “viver a ética”; proposição essa que parece tender a limitar o ensino da disciplina “ética” a uns poucos mortais. Aos éticos, a disciplina de ética! Seria radical não fosse essa afirmação posta com fim mesmo de fomentar reflexões.

Mas educar/ensinar pressupõe, também, alcance de objetivo(s). E no campo particular do ensino da ética esse(s) objetivo(s) deve(m) encontrar-se muito bem especificado(s). A motivação a aprender, por sua vez, é mediada pela proposição de experiências que vá ao encontro de satisfazer as necessidades e interesses do educando.

Ora, a orientação das expectativas do educando em relação ao aprendizado está centrada na vida prática, por isso sua motivação se volta para o que consegue aplicar no aqui e agora. Proporcionar, pois, espaços educativos em que a atualização do aluno em relação ao seu exercício ético possa acontecer, parece ser o cerne da questão, que vem atestar mérito aos esforços do professor na sua tarefa de educar: quando pode, assim, vislumbrar alcance de objetivos no ensino da ética, congruentes com expectativas reais de aprendizado.

REFERÊNCIAS

1. Freire P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1996.